Ano IV — Guimarães, 14 de Novembro de 1918 — Número 156

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — *Custódio dos Santos Lima Guimarães*

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampilha	1$20
Semestre, idem	$60
Ano, com estampilha	1$50
Semestre, idem	$75
Africa e Brasil, por ano (moeda forte)	2$25
Número avulso	$04

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 46 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, por linha	$06
Repetição dos mesmos	$02

Anuncios permanentes, contracto especial.
As obras literarias anunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.
Os autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.

O VENCER DUMA REVOLUÇÃO

(CONCLUSÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

O país tem de acordar do letárgico sôno que lhe vem entorpecendo os nervos e paralisando a inteligência e a vontade e, lançando a vista para as coisas da governação pública, que hoje, mais do que nunca, são as da salvação da Pátria, por todas as suas fôrças organizadas, por todas as suas fôrças produtivas, chamadas, com justiça, fôrças vivas, por as parasitárias manterem e sustentarem, num esfôrço cheio de nobreza, sacrifício e dedicação pátria, virem resolver a crise em que a nação se debate, e que, positivamente, não é a da falta de «têsos», mas de caracteres e de competências á altura das responsabilidades do momento!

Desenterrada do pó dos séculos (ano 219 antes de Cristo), a propósito virá, para a nação meditar, esta sugestiva passagem da história antiga.

Scipião, vencedor de Cartago, impoz-lhe condições que não só abatiam o seu orgulho, como agravavam enormemente os seus tributos.

Anibal, o grande general cartaginês, ao encarar os rostos assás lacrimosos dos plutocrátas por terem de pagar o pesado tributo de guerra, sarcasticamente lhes traduziu o seu sorriso irónico, nestas tão justas quão merecidas palavras:

Sofrestes resignadamente que fôssem despojados os arsenais, que fôssem queimados os navios de combate e que vos impuzessem a cláusula de não mais fazerdes guerra! Tão vergonhoso opróbio da nação não vos arrancou uma única lamentação; e agora verteis lágrimas pela perda do vosso dinheiro!

Parece de hoje, não é verdade?

As nossas fôrças vivas (o povo, afinal, sempre última matéria colectável), ao iniciar-se o nosso primeiro imposto de guerra, acorrem ás suas associações, fazem, mas só então, alarde da incompetência do govêrno e da iniquidade dêsse decreto (o dos lucros da guerra), demonstrando, e muito bem, a sua falta de espirito jurídico indispensável á confecção de leis; a absoluta ausência de equidade nas suas disposições e ainda o português incompreensível, sujeito a dualidade de interpretação, que grave êrro representa quando de matéria tributária se trata. E o govêrno, como se da coisa mais natural se tratasse, confessa por um novo decreto a sua incompetência e, não podendo sorrir como Anibal, capitúla, não lhe sobrando, ao que parece, como aos vencidos de Zama, energias para nova investida.

Entretanto, a confusão e a incapacidade manteem-se e manifestam-se a toda a hora e a todo o momento, pela vertigem de legislar, pelo avolumar incessante da nossa divida pública e pelo inconsciente aumento de encargos sem receitas que lhes correspondam.

Êste resvalar para o suicidio de uma nacionalidade, é bem o caso de demência caracterizado por João Chagas!

Reaja-se, se ainda é tempo!

Remedeiem-se os males da deslocação do eixo das nossas relações internacionais, que a derrota da Alemanha mais veio agravar; e desfeito êsse último reducto, visionária esperança dos monárquicos, venham, como portugueses que são, ingressar na Rèpública, aqueles que o possam fazer, dando-lhe o seu sincero apoio e o concurso dos seus hómens de honestidade e de valor.

Os outros guardem bem no coração a fé dos seus principios, conquistando por essa fórma o respeito que é devido a todas as opiniões sinceras, mas deixem que, os que podem, trabalhem pelo resurgimento desta Pátria, que é de nós todos!

EFEITOS DA PAZ

Lêmos que, por êsse País fóra, tem já alguns artigos de comércio e muitos géneros das subsistências sofrido uma baixa de preços considerável. Isto deve trazer muito *quezilados* os ganhõezinhos, que não contentes com a camisa do povo já lhe iam esfolando a pele.

Êle era o milhinho a libra, a carne a 10 tostões, o leite a 6 vintens, cada ovo a 80 réis, cada sardinha a 30 réis. E assim, neste andar, sem freio nem vergonha.

Tudo na ânsia de ficar *pôdre* de rico!

De sorte que a Paz, p ra êstes beneméritos da humanidade, foi o diabo que lhes apareceu. A guerra servia de pretexto para tudo, sendo bem cérto todavia que, se por ela se justificam os altos preços de certos géneros e artigos, na não tem justificação o alevantamento de certos outros senão sórdida cobiça e na desmesurada sêde de ganhar, sofra quem sofrer.

Humanizem-se, srs. ganhões e tenham paciencia!

Palavras antigas que merecem meditação

Vós tereis criado uma Rèpública imorredoura, desde que ponhais no vosso govêrno tudo o que o tempo contêm de verdade e tudo o que o Evangelho encerra de caridade.

Do coração, do coração e sempre do coração, pelo povo! As grandes civilizações véem daí, porque as grandes civilizações não são senão grandes virtudes.

Vou dizer-vos o único meio que existe de fundar uma Rèpública duradoura:

E' preciso que essa Rèpública pertença a todo o mundo e não apenas a alguns; á nação e não a um partido. E' preciso que essa Rèpública seja a comunidade dos direitos, dos interesses e das opiniões de todos aqueles que teem os pés sôbre o solo da Pátria. Fóra de isto não póde haver salvação, ou pelo menos a paz para a Rèpública.

E não é difícil compreender isto. Rèpública quer dizer coisa pública.

Coisa pública quer dizer coisa de cada um.

Se a Rèpública não fôr, com efeito e na proporção justa, a coisa de cada um, ela não é nunca uma Rèpública. E' um monopólio, quere dizer, a propriedade particular de alguns em prejuizo de todos. Chama-se a isso um privilégio, e todo o privilégio, para se defender, tem necessidade de constituir á sua volta uma tirania. A Rèpública, se dela fruirdes um privilégio de opinião, será, pois, uma tirania de alguns contra todos, em vez de ser a liberdade.

Tal tirania terá naturalmente por inimigos legítimos todos aqueles que ela ponha fóra do direito e da liberdade geral das opiniões.

Ora como está na natureza dos monopólios e das tiranías o cercarem-se, o restringirem-se, o fortificarem-se sempre por exclusões e por depurações cada vez mais violentas e insolentes, o que advirá daí? Advirá que, ao cabo de bem pouco tempo, os republicanos privilegiados tenham posto fóra da República agora êste, porque é suspeito de monárquico e legitimista; logo aquele porque se imagina demasiadamente republicano; êste porque é rico, aquele porque é pobre; tal porque é padre, tal porque foi nobre; tal porque é banqueiro, tal porque é proletário; tal porque é de ontem, tal porque é de hoje, etc.

E o que acontecerá á Rèpública quando os republicanos privilegiados hajam posto toda esta gente fóra da República? Um govêrno de minoria. Quere dizer, um govêrno de pequeno número contra o grande número. Doutra maneira: uma parte contra o todo. Ainda doutra fórma: uma facção contra uma nação.

E agora pergunto-vos eu: póde durar um tal govêrno?

A História e o bom senso vos ensinarão a responder sem indecisões:

Não!

E eis porque um govêrno da minoria só podia existir mediante duas condições: ou sob a fórma de govêrno militar, com o prestígio duma conquista incessante e duma glória imensa retemperada todos os seis meses no sangue dos campos de batalha, como o govêrno de Napolião I, durante o Império; ou, sob a fórma de um govêrno atroz, sob o terror cotidiano do cadafalso, das proscrições e dos suplicios, como sob Robespierre.

Um govêrno militar é impossível com a Repùblica, porque no dia em que a Nação se transforme em exército geral tomará um general para a chefiar. E no dia em que êsse general possua a confiança de um milhão de soldados, que tenha conduzido á vitória, coroar-se-há da sua glória e a liberdade estará perdida.

O govêrno atroz de Robespierre não é um govêrno, é um suplicio nacional. E' o assassínio constituido. E' a ditadura do carrasco. E' o terror no espírito público. O sangue grita, a humanidade revolta-se, as vítimas teem vingadores; o cadafalso devora sempre os que o erguem. O govêrno que ergueu o cadafalso por arma caiu na maldição do país e do género humano. A causa que êle sustentou ficou desonrada.

O KAISER

O que dele vaticinou Eça de Queiroz

«Dentro em anos (que Deus faça bem lentos e bem longos) êste moço ardente, imaginativo, simpático, de coração sincero e talvez heroico, póde bem estar, com tranquila majestade, no seu Schloss de Berlim gerindo os destinos da Europa, ou póde estar melancolicamente, *num hotel estranjeiro*, desempacotando da malêta do exilio a dupla corôa amolgada da Alemanha e da Prussia.»

A clarividencia dos altos espíritos...

Ao sr. Inspector de Finanças

Lavra grande descontentamento êntre o professorado primário dêste concelho pela grande demora sofrida nos pagamentos dos seus ordenados, em virtude de, na Inspecção de Finanças do Distrito de Braga, lhes ser retida abusivamente a respectiva fôlha, já aprovada em Lisboa.

De facto, informa-nos um interessado que a fôlha fôra enviada para Braga na semana passada, como informámos no último número dêste semanário. São passados oito dias, os professores veem todos os dias á Recebedoria, e a respeito de fôlha nada...

Será malvadez, será desleixo? Não sabemos.

O que era de esperar era que numa Repartição onde houvesse zêlo e boa vontade no cumprimento do dever, e para isso é que o Estado paga aos funcionários, tal

fôlha fôsse imediatamente devolvida ás Secretarias de Finanças dos concelhos.

Ha outros funcionários que teem sofrido atrazos pelo mesmo motivo, o que não menos é para lamentar e estranhar.

Para o facto chamamos, por agora, a atenção do sr. Inspector de Finanças, e ficamos de atalaia para verberar duramente o facto se se repetir, até que a nossa voz seja ouvida pelos altos podêres.

Assim é que não póde continuar.

Bemdita seja a Paz!

(EXCERPTOS)

Levantemos os corações! A guerra, que enlutou o mundo, semeando dôres, teve o seu fim.

Venceu a democracia. Venceram os povos livres, senhores dos seus destinos, que só reconhecem o brazão do trabalho, o domínio dos mais dignos e mais ilustres.

A democracia está em marcha, sem peias, para um estado melhor, a fim de que na terra haja mais igualdade, mais amor êntre os homens!

As lutas, as dôres, todos êsses sacrifícios imensos feitos nesta luta heroica estão compensados pela Vitória, que nos veio libertar dum tremendo pesadêlo.

Surgiu a Paz!

Nós portugueses, que não hesitámos em cumprir o nosso dever, podemo-nos orgulhar do nosso esfôrço, que não foi em vão, porque da conferência da Paz ha de surgir um Portugal glorificado pelo seu heroismo e pela sua dedicação á libertação do mundo!

Chegámos ao cume onde rebrilham as bandeiras das nações livres! Lá está, honrada e digna, a nossa verde-rubra, que os soldados-cidadãos duma raça singlarmente heroica souberam dignificar e conduzir.

Saibâmos nós agora, os cá de dentro, ampará-la e recolhê-la com todas as honras da Vitória, depondo-a com todo o amor dos nossos corações no altar sagrado da Pátria!

Viva Portugal!

Vivam os aliados!

Vivam os nossos heroicos soldados!

Um morto... vivo

Faz se o enterro a uma pessoa que está «sã como um pero»

Deu-se o caso há dias em Lisboa. Adoeceu o sr. José Marinho, empregado numa casa de vinhos da Baixa e foi o enfermo hospitalizado, contribuindo o respectivo patrão com as primeiras despezas da hospitalização. Decorridos dias, recebe o patrão do sr. José Marinho noticia de que o seu empregado falecêra. E vai daí, prepara-lhe com toda a decencia o funeral, corridas as formalidades do registo, etc. Noticia-se o acontecido, marca-se a hora para a saida do préstito e alguns amigos devotados, êntre os quais figura o patrão, acompanham o desventurado José Marinho ao cemitério. Todos pranteiam a perda do amigo querido.

No dia seguinte, porém, ao do fúnebre saimento apresenta-se o sr. Marinho no estabelecimento, esboçando um sorriso de satisfação. Tivera alta do hospital e ia retomar o serviço. Calcule-se a admiração de quantos, na véspera, lhe tinham ido prestar as derradeiras homenagens! A pessoa, a quem o patrão do sr. José Marinho fizera o funeral, era outra que também estava hospitalizada. Houvera engano na notificação. Comtudo, o sr. José Marinho, para a sociedade, está morto, emquanto não fôr anulado na Conservatória o registo do seu óbito, e o morto, o verdadeiro morto... continúa vivo, tendo-se *lambido* com um funeral que não era para êle.

Comico e macabro!

AVIZO

CAIXA PRESTAMISTA

31--Praça de S. Tiago--33

Resolvendo o proprietário dêste estabelecimento liquidar o negócio de empréstimos de dinheiro sôbre penhores, aviza todos os mutuários, que até esta data ainda estejam dentro do praso estabelecido nos respectivos contractos, por êstes não terem caducado por falta de pagamento de juros, a virem resgatar os seus objectos até ao dia 14 de Março do próximo ano de 1919.

Guimarães, 24 de Novembro de 1918.

José Fernandes Vieira Guimarães.

Casa de penhores

Passa-se a bem afreguezada casa da Praça de S. Tiago, n.os 31 a 33.

Vende-se ou aluga-se o mesmo prédio.

O motivo é de o seu proprietário não querer mais negócios.

NECROLOGIA

Na freguezia de Pedome, Famalicão, faleceu o sr. João Baptista Sampaio, aparentado com distintas famílias desta cidade.

Era muito conhecido nesta cidade e altamente estimado pelas suas belas qualidades.

*

Em Santa Marinha da Costa, também faleceu, vítima da tuberculose, a sr.ª D. Florinda Adélia Barreira Machado, esposa do sr. dr. Manuel Dias Leite Machado.

Sinceras condolências às famílias enlutadas.

Hospital da Misericordia

Nota do movimento de doentes no mês de Outubro:

Doentes existentes no dia 31 de Outubro: 63 homens e 77 mulheres; total, 140.

Entrados durante o mês: 128 homens e 164 mulheres; total, 292.

Saídos curados: 105 homens e 116 mulheres; total, 221.

Saídos melhorados: 7 homens e 10 mulheres; total, 17.

Saídos no mesmo estado: 7 homens e 6 mulheres; total, 13.

Falecidos: 26 homens e 30 mulheres; total, 56.

Existentes no fim do mês: 46 homens e 79 mulheres; total, 125.

Consultas no banco: 80 homens e 134 mulheres; total, 214.

Curativos: 233 homens e 193 mulheres; total, 426.

Medicamentos concedidos a doentes pobres externos, gratis, 230.

Prisioneiros falecidos na Alemanha

Faleceram nos hospitais alemães os seguintes prisioneiros de guerra portugueses, todos pertencentes ao regimento de infantaria n.º 20:

João Tiago, Francisco de Almeida, António de Andrade, Alexandre Adelino de Almeida e João Luís.

Colégio Académico

Neste conceituado estabelecimento de instrução, dirigido pelos srs. dr. Alfredo Peixoto e Luís Gonzaga Pereira, reabriram as aulas de instrução primária e curso infantil, reabrindo tambem dentro em curto prazo as de instrução secundária e curso comercial prático.

Outrosim continúa aberta a matrícula para alunos internos, semi-internos e externos.

Subsídios

O Governo concedeu o subsídio de cinco mil escudos á Santa Casa da Misericórdia, desta cidade, e o de dois mil escudos á V. O. T. de S. Francisco.

Correio das salas

Partiu no domingo para Lisboa, devendo dali regressar ámanhã, o nosso ilustre amigo sr. João Rodrigues Loureiro, importante industrial vimaranense.

Desejamos boa viagem a s. ex.ª

*

Sabemos estar bastante doente em Amarante, o sr. dr. Francisco Xavier de Albuquerque Dias Costa, considerado advogado-notário em Famalicão.

Desejamos o seu pronto restabelecimento.

*

Esteve nesta cidade o sr. dr. António de Freitas Ribeiro, digno juís de Direito na comarca de Felgueiras.

A VA

ANTIGA GUARDASOLARIA

CARVALHO

Executam-se todos os concertos

Ao Guardasol Elegante!

154, R. Republica, 160 - Guimarães

Acaba de aparecer

Almanaque Bertrand

para 1919

Em brochura.....	$80
Cartonado.....	$100
Em marroquim.....	1$60

Livrarias Ailand & Bertrand

RUA GARRET—LISBOA

"ATLANTICA,,

Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social....	Esc.	500.000$00
» realizado.	»	50.000$00
Fundo de reserva	»	150.000$00

SÉDE: LOYOS, 92 — PORTO

Receita de 1914....	**Esc.**	**36.988$03.5**
» » **1915....**	»	**71.197$29.3**
» » **1916....**	»	**537 897$94.6**
» » **1916....**	»	**3.130:404$23**

Sinistros pagos em 1914	**E.**	**22.601$11**
» » » **1915**	»	**25.903$15**
» » » **1916**	»	**153.470$90.5**
» » » **1917**	»	**1.127:035$74**

AGENCIAS EM FRANÇA, INGLATERRA, NORUEGA SUECIA, DINAMARCA, ESPANHA E EGITO

Seguros contra fogo.—Seguros contra fogo e roubo.—Seguros contra grêves e tumultos.— Seguros agricolas. Seguros contra quebra de cristais.— Seguros de guerra. Seguros maritimos e postais.— Seguros contra inundações e enxurradas.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourão
Jaime de Sousa
} Directores

Agentes em todas as terras do país

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

DELEGAÇÃO EM GUIMARÃES

Passeio da Independencia, 102 a 10

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital: 500:000$00 escudos

Seguros contra acidentes de trabalho
Seguros contra fôgo
Seguros de vida
Seguros de transportes
Seguros contra roubos
Seguros de cristais.

Correspondente na Corredoura (S. Torcato):

João Vasco Cardoso Guimarães.

Banco Popular Portuguez

Representante em Guimarães

JOSÉ JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO

RUA DE S. DAMAZO—17

Realiza toda a espécie de operações bancárias. Excepcional intermediário para boa e vantajosa aplicação de capitais.

Acceita depósitos á ordem em concorrência com as caixas económicas.